

## Psicanálise na arte, a Arte na psicanálise: Parte 7

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

No artigo anterior procurei demonstrar que separar o que é ou deixa de ser real não é uma tarefa simples e muitas vezes nem sempre possível. Que devemos desconfiar dos conceitos rígidos que buscam distinguir “o que é” e “o que não é” real e ainda o perigo que representam as ditas “*adaptações exageradas*” ao que se considera realidade.

Nesse sentido, pode-se enaltecer o papel da arte e de inúmeros artistas que historicamente vão desempenhar um papel de vanguarda como atores sociais. Sempre engajados na denúncia da *normatização* dos costumes e das condutas. Freud irá sublinhar esse protagonismo dos artistas quando se defronta com as dificuldades na transmissão da nova ciência:

*“Ora, essas coisas psicanalíticas só são compreensíveis se forem relativamente completas e detalhadas, exatamente como a própria análise só funciona se o paciente descer das abstrações substitutivas até os ínfimos detalhes. Disso resulta que a discricção é incompatível com uma boa exposição sobre a psicanálise. É preciso ser sem escrúpulos, expor-se, arriscar-se, trair-se, comportar-se como o artista que compra tintas com o dinheiro da casa e queima os móveis para que o modelo não sinta frio. Sem alguma dessas ações, criminosas, não se pode fazer nada direito”.*

E ainda, quando de maneira tão modesta, aponta o pioneirismo da arte poética nas sendas do inconsciente:

*“seja qual for o caminho que eu escolher, um poeta passou por ele antes de mim”.*

Oscar Wilde (1854 – 1900) irá nos dizer que “*a vida imita a arte mais do que a arte imita a vida*”. Cria desse modo uma antítese com a máxima de Aristóteles (384 a.C – 322 a.C) de que “*a arte imita a vida*”.

O que temos aqui? A ideia de que a realidade imita a ficção mais do que a ficção imita a realidade. Isso parece não fazer sentido mas, na verdade, faz todo. Então vejamos: ficção é também “*criação imaginária*”, “*fantasia*”.

Sabemos que há “*as coisas*” e “*as ideias das coisas*”. Então: há tudo que existe e possa existir e a ideia que formamos de suas existências. Cito como exemplo para ilustrar a cidade de Paris. Há a capital francesa que existe em si em toda a sua materialidade e a ideia que cada um faz ou pode fazer dela. Com isso quero dizer que a

“*minha Paris*” não é certamente a mesma “*Paris do outro*”, e, no entanto, estamos falando do mesmo lugar. E qual a Paris real? A minha ou a desse outro? Como separar o que é real ou produto do meu o imaginário, da minha fantasia, da minha ficção?

Assim, da mesma maneira que podemos assistir uma obra de arte que procura imitar a vida – como por exemplo um filme sobre determinado acontecimento da nossa história recente que ninguém põe em dúvida que se deu – poderemos observar como cada pessoa contemporânea àquele acontecimento o vivenciou em sua imaginação, fazendo seu filme particular dele. Um nos conta *isso*, outro, nos conta *aquilo*. Um disse que foi “*assim*”, já outro que foi “*assado*”. E fica a questão: o que terá sido o acontecimento afinal?

Desse modo, deve-se lembrar, que quando começamos a nos dar conta da “*dita realidade*”, ao ir deixando os primeiros anos de nossa vida até nos sabermos seres conscientes de si, já portamos na bagagem um rico mundo de impressões que carregamos e que serão estampadas nesse “mundo real” que percebemos como tal. Desse modo, quando vivenciamos um determinado acontecimento, esse recebe a marca dessas impressões imaginárias, ficcionais. Nesse sentido o tal acontecimento ao se dar irá reproduzir também algo já preexistente em nós, em nosso imaginário. Ou seja: aqui a realidade irá, de certo modo, imitar a ficção.

Falamos na terceira parte desses ensaios dos conceitos psicanalíticos: “*Processo Primário*” e “*Processo Secundário*”. Par de expressões introduzido por Freud, afim de designar os dois princípios que regem o funcionamento psíquico. Enquanto o primeiro tem por objetivo proporcionar prazer e evitar o desprazer, sem entraves nem limites, o segundo modifica o primeiro, impondo-lhe as restrições necessárias à adaptação à realidade externa.

Disse eu que: “*a medida que vai se dando o progresso da “dominação do mundo pelo homem” o processo primário movido pelo princípio da busca do prazer e evitação do desprazer, vai cedendo lugar ao processo secundário que se move pelo princípio da realidade*”. No entanto, como essa dominação nunca se dá por completo, o homem tende a “*criar compensações para a satisfação insuficiente das necessidades*”. Modelos de **satisfações substitutivas**. Entre esses modelos então situamos a necessidade filosofante e o fazer artístico. Saídas para uma descarga das tensões pulsionais que já mencionamos anteriormente.

A realidade e seu princípio só se introduzem na nossa vida psíquica com o fracasso do Princípio do Prazer. E é com esse malogro que surgem os primeiros estágios da verdadeira formação do sujeito, ou melhor ainda, o real surgimento de um *sujeito desejante*.

Nos diz Maria Rita Kehl: *“todo sujeito é sujeito de um desejo, ou melhor, todo sujeito é sujeito porque é desejante (...) e esse vínculo é fundante, já que sujeito, realidade (do qual o tempo faz parte inegável) e desejo são paridos a partir do mesmo evento: o fracasso do Princípio do Prazer.*<sup>1</sup>

Então nossa tarefa agora seria tentar tornar mais claro como se articulam realidade e desejo, e ainda, como a arte aí se insere.

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).

---

<sup>1</sup> Kehl, Maria Rita. *O Desejo da Realidade. O Desejo*. Org. Adauto Novaes. Companhia Das Letras. RJ, 1990. Pg.368.